

foto: revista Nutrinews

Radiografia da produção

Brasil tem potencial para ampliar sua participação no mercado

TIAGO SARMENTO BARATA
PAULO NAZARENO ALVES DE ALMEIDA
MARIANA PEROZZI

O ano de 2004 foi declarado pela FAO como o Ano Internacional do Arroz. Pela primeira vez na história, um produto agrícola é nomeado símbolo de uma época; uma evidência de seu caráter estratégico. O cereal, situado no topo das discussões sobre segurança alimentar e multi-funcionalidade, desempenha papel central para quase três bilhões de pessoas que, no mundo, dependem da orizicultura para sobreviver.

Em âmbito mundial, o Brasil é o nono produtor e responde por menos de 2% da produção, segundo a FAO. Todos os países com produção superior à nacional são asiáticos. A China lidera o *ranking*, com 167,6 milhões de toneladas. Em seguida, vem a Índia, com 133,5 milhões, e a Indonésia, com 51,8 milhões de toneladas, em 2003.

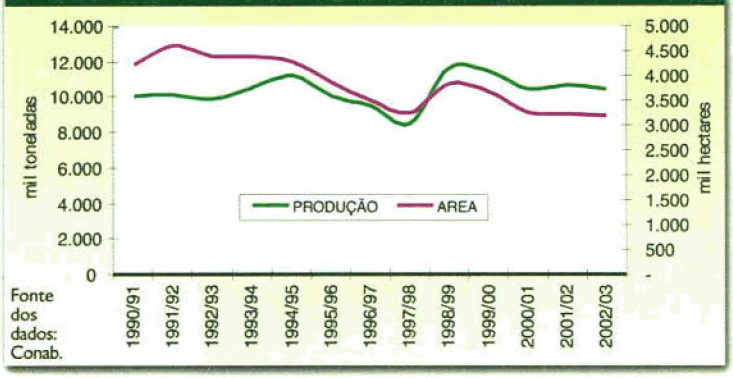
O comércio internacional de arroz gira em torno de 27,5 milhões de toneladas/ano, sendo a Tailândia e o Vietnã os principais exportadores; este é um volume pouco expressivo. A produção é voltada basicamente para o abastecimento interno dos países asiáticos, onde o consumo *per capita* anual do cereal é recorde: 200 quilos, no Mianmar. A média mundial é de 65 quilos e, no Brasil, se mantém em 40 quilos.

Sistemas de produção

A produção brasileira de arroz está dividida em dois sistemas bem distintos: de irrigação e de terras altas. Concentrada nos Estados da região Sul, mais de 60% da produção é obtida com o sistema irrigado. O Rio Grande do Sul é o principal produtor, com cerca de 45% do total, mas com uma produtividade baixa, de quase 5.000 kg/ha. Santa Catarina é responsável por 10% da produção nacional, com uma produtividade alta, acima de 7.000 kg/ha.

A produção de terras altas, também chamada de arroz de sequeiro, ocorre nos Estados do Centro-Oeste e Norte. O Mato Grosso, segundo maior produtor nacional, é o principal representante do sistema.

Brasil: evolução da área e produção de arroz



Fonte dos dados: Conab.

O plantio em terras altas utiliza a cultura para abertura de área, muito comum no processo de expansão das fronteiras, nas décadas de 1960 e 1970. Agora, a plantação do arroz aparece em rotação com a soja e para a recuperação das pastagens. Uma evolução técnica, pois adota um manejo sustentável, em detrimento do caráter secundário de exploração desbravadora. Outro progresso é o trabalho das instituições de pesquisa e desenvolvimento, com o lançamento de variedades mais produtivas e adaptadas ao clima do cerrado. Longe de atingir o seu potencial, entre 1990 e 2002, a produtividade nas terras altas saltou, em kg/ha, de 1.180 kg para 2.720 kg, com um taxa de crescimento anual de 7,07%, superior à gaúcha (1,37%) e à média brasileira (4,26%).

Custos de produção de arroz: R$ por hectare

	Rio Grande do Sul[1]		Mato Grosso[2]	
	2001/02	2003/04	2001/02	2003/04
Semente	69,35	171,26	36,00	90,00
Semeadura com adubação	36,66	67,09	26,46	16,36
Aplicação de fertilizante	124,52	190,22	201,04	347,92
Pragas e doenças	139,89	237,01	224,05	373,83
Irrigação	373,38	562,01	0	0
Colheita	99,44	195,92	18,76	38,95
Outros[5]	689,85	257,25	160,74	297,49
Terra	170,04	372,56	135,00	150,00
Custo total	1703,13	3052,30	802,05	1314,55
Produtividade	3112,23[3]	3108,21[3]	450,00[4]	448,33[4]

Fontes: [1] Irga; [2] Famato; [3] Saca de 50 kg/ha; [4] Saca de 60 kg/ha; [5] transporte, assistência técnica, depreciação, administração etc

Custo de produção

O arroz irrigado tem padrão elevado de tecnologia e apresenta alto custo de produção, embora a maior produtividade compense o investimento. Entre as safras de 2001/02 e 2003/04, o custo total de produção de arroz no Rio Grande do Sul aumentou aproximadamente 79%, enquanto em Mato Grosso a alta foi de 63%. A participação de cada item no custo total pouco variou entre os dois sistemas.

Embora a produção no Rio Grande do Sul demande um grande volume de água para a irrigação e apresente custo alto, a lâmina d'água reduz a incidência das principais invasoras da cultura do arroz, com menor necessidade de aplicação de herbicidas. O valor elevado das atividades de plantio e colheita decorre da construção de taipas e canais para o controle da água na lavoura, que dificultam e tornam mais lenta e onerosa a atividade.

Preços internos

O excesso de oferta em todo o Mercosul nas safras de 1998/99 e 1999/00, e os altos estoques públicos mantiveram os preços domésticos num patamar bastante baixo. Considerado um alimento básico, sofre intervenções governamentais para evitar a elevação dos preços e o repasse ao consumidor final. As importações dos produtos argentino e uruguaio são utilizadas pelo governo federal, face à proximidade geográfica, à participação no bloco econômico do Mercosul e pelo fato de esses países terem um consumo muito pequeno. A produção desses países é voltada ao mercado externo. No Uruguai, por exemplo, cerca de 95% do volume produzido é exportado.

Em 2000, as cotações chegaram aos menores níveis desde o Plano Real, ao redor de R$12,20/saca de 50kg para o arroz em casca irrigado, e de R$13,30/saca de 60kg, para o de terras altas (valores nominais). Em 2001, contudo, o produtor brasileiro começou a observar uma reação nos preços. Este movimento de alta se intensificou a partir do final de 2002, atingindo o pico no final de 2003 – cerca de R$40 para o irrigado e R$45 para o de terras altas. Para o produtor, os preços ficaram bem remuneradores.

Uma das principais justificativas para a alta do preço do arroz em casca brasileiro foi a brusca redução da quantidade estocada. Em julho de 2001, o governo federal detinha aproximadamente 2,182 milhões de toneladas, ao passo que, em fevereiro de 2004, esse volume não ultrapassava 1.822 toneladas.

Outro fator que explica a recuperação das cotações internas é a redução do volume produzido pela Argentina e pelo Uruguai, com menor oferta para o mercado brasileiro. Atualmente, o arroz irrigado gaúcho está na faixa de R$30/saca de 50kg, e o de sequeiro mato-grossense, em torno de R$32/saca de 60kg. O avanço da colheita da safra, que deve ser recorde, exerce pressão sobre os preços.

O Brasil é um importante produtor de arroz e tem potencial para ampliar a sua participação no mercado. Em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, onde a área de produção tem pouco espaço para se expandir, a cadeia produtiva serve de exemplo para as demais regiões. Melhora a sua organização, mobiliza-se em prol do setor e busca aumento da produtividade.

No Centro-Oeste, apesar da pouca coordenação da cadeia, há também uma contribuição, face à ampla disponibilidade de área e à possibilidade de aumento de produtividade e qualidade de seus grãos. Embora não se espere que a orizicultura de sequeiro (especialmente a mato-grossense) cresça de forma acentuada, em curto prazo, as melhorias assistidas indicam um panorama bastante positivo para o setor, em médio e longo prazo. ■

TIAGO SARMENTO BARATA *é engenheiro agrônomo e mestrando em agronegócios, na UFRGS.*
PAULO NAZARENO ALVES DE ALMEIDA *é engenheiro agrônomo e mestre em economia aplicada pela Esalq/USP.*
MARIANA PEROZZI *é jornalista.*

PARA SABER MAIS: Projeto Arroz Brasileiro (www.arroz.agr.br)